

## O OLHAR GÓTICO NO CONTO “O LADRÃO”, DE GRACILIANO RAMOS

Erick Bernardes (FFP-UERJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio objetiva analisar, no conto “O ladrão” (2012), alguns traços do gótico na escrita de Graciliano Ramos. Escolheu-se focar a alegoria como recurso figurativo de desconstrução simbólica, evidenciando no conto a estratégia satírica do autor, no intuito de posicionar-se intelectualmente. Evidencia-se, no texto, o modo narrativo de contraposição ao símbolo cristão, ressaltando, no texto, as muitas maneiras estéticas que o discurso de matiz alegórica pode adquirir. Frisa-se, ainda, a importância dada à obra *O Castelo de Otranto* (1994), de Horace Walpole, ficção fundadora, convencionalmente referida como pioneira do gótico literário.


**Palavras-chave:** Graciliano Ramos; “O ladrão”; Traços góticos; conto brasileiro.

Para analisar o texto “O ladrão” (2012), de Graciliano Ramos, acreditamos ser de suma importância situar a palavra Gótico e alguns respectivos significados. Quando comparamos o Gótico às diversas categorizações estéticas que há por aí, na arquitetura ou na arte, por exemplo, diremos que este estilo ou “categoria” ditou comportamentos e motivou modas. Historicamente postula-se que a origem do termo remonta aos Godos, populações germânicas bárbaras, existentes por volta de 700 d.C. No entanto, no que concerne à estética, usou-se esse termo, ao longo das épocas, como designativo da arte na Baixa Idade Média, vinculando-o ao clero – e, assim, naquele tempo, atribuiu-se ao nome gótico um certo sentido depreciativo com relação à qualidade artística.

O Romantismo surge, no século XVIII, a contraponto das ideias de caráter iluminista. O Iluminismo, que anteriormente assumia o designativo semântico de “luzes”, tal qual algum derivativo etimológico ao estilo claro e depurado, encarado como atributo formal, passou a servir aos românticos como uma estética contrária à ideia de Idade Média; modelo a que os românticos buscavam orientar-se. Ressalta-se ainda que não houve de fato uma uniformidade no movimento romântico. Obviamente, existiam aqueles que orientavam-se artisticamente pelo viés classicista, mas no caso dos artistas românticos, estes se mostravam contrários ao esplendor clássico, e, não raramente,

---


<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Mestrando em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores: PPLIN – FFP/UERJ. Rio de Janeiro. Brasil. [ergalharti@hotmail.com](mailto:ergalharti@hotmail.com)



primavam pelo enfoque no horrível, que pudesse provocar o medo, as náuseas. De acordo com Andreia Peixoto (*apud* CEIA, 2017, s/p), “O primeiro autor a referir-se ao termo gótico, relacionando-o com a literatura, foi Addison, nos seus ensaios. No entanto, Addison utilizava-se deste termo como sinónimo de bárbaro. Frisamos ainda, nesse mesmo contexto de referencial horrível, a obra de Tobias Smollet Ferdinand *Count Phantom* (1753), pois este também valia-se de alguns elementos considerados (hoje) góticos. Porém, é indiscutível o pioneirismo atribuído a Horace Walpole, conforme:

Mas é só a partir da obra *The Castle of Otranto. A Story Translated by William Marshal, Gent. From the Original of Onuphrio Muralto* (1764), da autoria de Sir Horace Walpole, que a verdadeira literatura de cariz gótico entra nos círculos literários. Esta obra, apesar de todas as suas inverosimilhanças, teve uma grande influência para os autores que se seguiram. É a partir dela que se começa a utilizar o terror, o sobrenatural e o macabro como possíveis fontes de ficção. O submundo do inconsciente não entrava, porém, nas criações de Walpole. O uso que faz do termo gótico deve-se à sua preocupação em reconstituir o ambiente medieval - logo longínquo - que permitiria o uso da superstição, de ambientes misteriosos e terríficos. (PEIXOTO *apud* CEIA 2017, s/p).

Portanto, o modelo de Idade Média idealizada, bem como suas nuances sombrias e tenebrosas, construído sobre motivos obscuros e/ou sobrenaturais, de maneira a provocar medo, misturava-se ao abjeto e grotesco como efeitos de linguagem. Dito de outra forma, não raramente, tais traços tidos como góticos mesclavam-se demasiadamente à outros modelos estéticos, dificultando definições e conceitos acerca do estilo exato dessas mesmas obras, aliás, dificuldade extensiva às artes como um todo. São questões que, se não servem para dar um caráter conceitual ao Gótico (se é que isso existe de fato), ao menos nos ajudam nos estudos dos possíveis traços de matiz gótica naquele que é um dos textos curtos resultantes da juventude de Graciliano Ramos, a saber, “O ladrão”. Este texto data de 1915, e foi publicado na obra organizada por Thiago Mio Salla (2012), no livro *Garranchos*. Acerca de “O ladrão”, deve-se antes contextualizá-lo como uma curta narrativa sobre a crueldade humana e insanidade comunitária, presentes na ficção de Ramos. Apontando, sobretudo, na escolha ficcional desse escritor brasileiro, aquilo que convencionou-se chamar de Gótico, principalmente a linha literária pautada no tema do medo, tal como afirma Júlio França, pois o Gótico seria: “menos como um movimento



artístico coerente, restrito a um local e a um momento histórico muito específicos, e muito mais como uma tendência do espírito moderno” (FRANÇA, s/d, p. 2).


### **O contexto**

O texto de “O ladrão” constitui-se de um narrativa acerca de um homem de aparência comum, mas que permite ao leitor duvidar das atitudes dos cidadãos (personagens) que compõem o enredo: seria o homem da história um ladrão verdadeiramente? Sendo narrado em terceira pessoa, inicialmente, o enunciador informa ao narratário acerca da chegada desse sujeito “à esquina”, “sorratamente”, demonstrando, já no começo da diegese, certa antipatia com relação ao personagem descrito pela voz que narra. “O homem chegou sorratamente à esquina, olhou desconfiado os arredores e entrou na única loja que por ali havia aberta àquela hora da noite” (RAMOS, 2012, p. 40)

Ambigualmente, combina-se na narrativa a maneira enigmática de criar um contexto de obscuridade, reafirmado, mais à frente, por conta da referência depreciativa acerca do inominado personagem, além da cronologia, pois “eram onze horas”, hora vizinha da meia-noite tão recorrente nos contos tenebrosos: “Vi-o entrar, com um saco ao ombro, o chapéu de couro negro da água, a roupa em farrapos colada ao corpo, o queixo tremendo, rilhando os dentes. Eram onze horas” (RAMOS, 2012, p. 40). Esse provável ladrão, descrito como um homem “desconfiado”, evidencia, certamente, a estratégia do autor em criar uma história obscura, à semelhança de um alerta, para que leiamos o texto “com cuidado no terreno inseguro da trama para que, não só o suposto ladrão mas, nós mesmos enquanto ‘leitores-modelo’, não sejamos envolvidos pela ‘cegueira da razão” (BERNARDES, 2014, p.71).

Lembrando que, apesar da diegese não ser estruturada de maneira complexa, pelo encadeamento fácil das orações assindéticas, na arquitetura textual, o enredo se revela sobremaneira construído sob uma dupla base ficcional: 1) articulação entre penumbra e claridade, beirando a estética barroca, e suscitando nuances que nos remetem ao horror; 2) enfoque ou estratégia de produção “realista”, porém, que aponta no texto nuances de tragicidade ou drama, tal qual um mergulho no dia a dia noturno de uma cidade sem nome:

O protagonista vai ao mercado onde a ação se inicia, escolhe os produtos e espera. Diz aguardar seus amigos que ainda trarão o dinheiro. Esse sujeito não efetua verdadeiramente a compra e passa a




ser suspeito de um roubo que não aconteceu (nem se sabe se aconteceria). A desconfiança aumenta gradativamente, na medida que o tempo passa. O homem foge porque percebe mal-estares no ambiente em que se encontra. Mas é agarrado pela população e conduzido para a delegacia, porém no caminho - tal como uma “*via-crucis*” - é linchado pelos “homens de bem”. Posterior a todo martírio do possível criminoso, o provável ladrão morre na cadeia. Enfim, uma narrativa muito próxima de uma crônica policial, e cheia de adjetivos que “pintam” um texto, cujo quadro sinestésico denuncia tortura e animalidade. E, além disso, a conotação de um falso cristianismo sob a figura do hipócrita sacristão (BERNARDES, 2014, p. 72).

Com tudo isso, se pensarmos conforme Silva (2012, p. 241), acerca da diferenciação estabelecida por Ann Radcliffe, entre Horror e Terror, afirmaremos que há no conto “O ladrão” essa dupla chancela de identificação para o Gótico. Em outras palavras, baseando essa abordagem na afirmação de Silva, o traço de “horror” apontaria na diegese desconfortos físicos, voltados para o aspecto da fisiologia humana; o terror, distintamente, direcionaria nossa atenção para as provocações cruéis e psicológicas, prevalecendo sob os afetos sentimentais e emocionais da *psique*. Entretanto, esse estilo considerado gótico, certamente dificultoso, no que concerne aos seus limites e conceitos, serve-nos para elencar três quesitos, ao nosso ver, norteadores do o Gótico: o terror, o horror, e o medo. Confirma-se, assim, a ideia de evidenciar a existência dos traços góticos que compõem a estética ficcional em Graciliano Ramos; ficção que corteja o suspense, o medo e o obscuro.

#### **A percepção figurativa**

Ao emprendermos uma sondagem baseada na descrição do texto “O ladrão”, à procura de traços góticos na sua arquitetura textual, inegavelmente, é importante esclarecer que o nosso método de análise toma como alvo aqueles elementos que concorrem para a configuração do enredo lúgubre de “O ladrão” (2012), a saber, o sombrio, o melancólico, enfim, o infame:


Estávamos em junho. Fazia muito frio. Era tudo escuro. Chuviscos caprichosos esvoaçavam no ar, espalhando-se em todas as direções, levados por um vento inconstante e mal-humorado. Na rua estreita, tortuosa, estendia-se um lençol de lama revolvida, atolada, vagamente espumosa (RAMOS, 2012, p. 40).



Nota-se, todavia, a maneira de descrever o sinistro, semelhante a uma paisagem desenhada sob nuances escuras, beirando o artifício figurativo acerca de uma possível humanidade cega e sem razão. Construção ficcional que visa menos uma fantasmagoria contextual com vistas ao elemento sobrenatural, e mais à criação alegórica pautada na descrição do ambiente sombrio. Além disso, a configuração voltada para os aspectos de uma comunidade pseudocristã, não raramente, aponta referentes modernos para a época: os “trilhos” a “estrada de ferro”, a “luz”. Esses são índices de tecnologia enunciadores de um peculiar (mas falso) progresso, devido à atmosfera entediada perceptível na trama: “Perto da estação da estrada de ferro, a luz de uma grande lanterna feria as duas longas linhas de trilhos claros, brilhantes, semelhando serpentes adormecidas. O rumor monótono do rio cheio convidava a dormir” (RAMOS, 2012, p. 40).

Logo, referências como as descritas acima, acerca de um possível e inebriante ambiente, revelam-se, simultaneamente, como reversos dos mesmos indicadores de modernidade. Esses indicadores põem em evidencia matizes de luz e sombra na obra percebida como um experimento, pois constitui-se uma escrita dos tempos de juventude de Graciliano Ramos. Reafirmamos, assim, o intento da nossa proposta, a saber: analisar “O ladrão”, obra escrita no começo do século XX, sob o viés gótico, apoiando-nos acima de tudo, no caráter desconstrutor da simbologia moderna: o comércio e o desenvolvimento tecnológico. Entretanto, nesse empreendimento, enfatizamos essa simbologia moderna funciona “como um projeto inacabado, que se relaciona dialeticamente com o contexto sociocultural no qual está inserido” (BERNARDES, 2014, p. 68), corroborando nosso empenho analítico com vistas ao traçado gótico no texto de Ramos.

Essas referências somente nos são possíveis devido aos claros elementos de horror presentes no conto de Graciliano Ramos. Todavia, ainda acreditamos ser necessária aqui uma outra explicação: o que consideramos aqui como “elemento gótico”? Em resposta, dizemos que são aqueles elementos presentes na obra literária, capazes de construir uma diegese de aspectos soturnos ou sombrios. De acordo com Júlio França (s/d), a referência ao Gótico implica um leque de tendências e entendimentos tão variados que incorrem no risco de diluir, talvez, conceitualmente o gênero (ou subgênero) e dificultar ainda mais a sua concepção terminológica. Acerca do gótico:




é um conceito fugidio e um termo com uma notável capacidade de adaptação a contextos de pensamento diversos. Sua história é longa e rocambolesca, e faz parecer inglória qualquer tentativa de conciliar seus significados mais restritos com seus usos mais amplos. Ao longo de séculos, tem sido empregado para rotular as mais díspares ideias, tendências, autores e obras, e, nas últimas décadas, especialmente, a palavra passou a funcionar como um termo “guardachuva”, tendo seu sentido diluído e sua força conceitual esvaziada (FRANÇA, s/d, p. 1).

Nesse sentido, de acordo com a ideia de França, adaptada à nossa visão do que seria o gótico, incluiríamos também, conjuntamente a esses elementos, fragmentos do passado reconfigurados no presente. Ou seja, a memória fragmentada, mas que retorna com força, permitindo ao leitor de hoje compreender o “Gótico menos como um movimento artístico coerente, (...) e muito mais como uma tendência do espírito moderno, que afetou profundamente os modos de pensar, de sentir e de expressar a arte na modernidade” (FRANÇA, s/d, p. 2).

Essa visão moderna, tal como mencionada acima, inegavelmente cresce em importância com a “leitura” do gótico (também) como desconstrução simbólica. Daí não ser errado afirmarmos haver, em “O ladrão” (2012), essa desconstrução, e enxergarmos, neste modelo desconstrutor, algum mecanismo linguístico, que só se realiza no texto, pela associação da tradição cristã da *Via-crucis*, pautada na inferência acerca da incoerência moral coletiva sobre o pré-julgamento do personagem de “O ladrão”. Assim, cria-se no conto de Ramos uma estética voltada para jogo de luz e sombra, tomando como base um pano de fundo textual construído para evidenciar a condição humana, exemplificada nas ações dos personagens, como se fossem representantes modernos da tradição judaico-cristã. Notadamente:

Marchávamos com precaução, meio cegos pelo clarão das tochas. Estávamos encharcados. De vez em quando uma perna mergulhava no atoleiro da lama nauseabunda, pegajosa, macia como veludo. Às vezes, encadeados como morcegos, procurávamos evitar o lamaçal saltando para cima de uma coisa branca que, vista a distância, parecia uma pedra, e era uma poça de água. Um exaltado perdeu a paciência e saiu correndo, a acordar o comissário de polícia e o carcereiro. Nós continuamos a arrastar-nos com lentidão, conduzindo o homem (RAMOS, 2012, p. 46).



Com efeito, são figurações que acontecem no tempo em que o personagem sem nome, o “apelidado” ladrão, é pego a força por cidadãos considerados “de bem” (seriam modernos fariseus?) e, conseqüentemente, maltratado e linchado, enquanto o forçavam a andar até a cadeia, lugar fechado, sombrio e claustrofóbico, em cujo fim do “ladrão” será revelado com a morte, indistintamente à figura do Cristo Crucificado. Dessa forma, configura-se uma alegoria no conto de Ramos, revelando-se um fundamental recurso de construção literária sobre a história do sujeito agredido e oprimido, sem julgamento. Assim, Ramos, já com o traço de estilo que iria marcar sua poética, lança mão de tal artifício enunciativo (desconstrução do símbolo cristão) como forma de provocação ao leitor. Não sendo, portanto, errôneo enxergarmos nessa insanidade comunitária no enredo em questão, que toma o personagem “ladrão” como objeto alegórico, “um modo de antecipação ou *modus operandi* na poética de Graciliano Ramos (BERNARDES, 2014, p. 68).

### **Considerações finais**

Tratamos neste artigo do conto “O ladrão” (2012), de Graciliano Ramos, certos de que há no texto traços de estilo convencionalmente referidos como góticos: a ambientação sombria, a antítese grotesco/sublime e a mistura do passado ao presente. Mas sem antes ter feito um brevíssimo excursão sobre a obra *O castelo de Otranto* (1994), de Horace Walpole, porque considera-se este livro de Wapole o romance Gótico pioneiro na história da literatura.

Como ficou visto, a obra “O ladrão” foi escrita na juventude do escritor alagoano, momento no qual o modo experimental do jovem Ramos se apresentou mais incerto e discutível. Vimos que era uma época em que o escritor, novo ainda, buscava emprego nos jornais cariocas, “à procura por um espaço no cenário intelectual” (BERNARDES, 2016, p. 143). Por isso, enfatizamos: Graciliano Ramos utilizou-se de experimentos literários por meio dos traços de horror, os quais proporcionam à narrativa aspectos asquerosos descritivos no enredo ficcional. Pontuamos no texto situações de contraposição ao símbolo (sagrado *versus* profano), como empreendimento voltado para a alegoria com base na *Via-crucis*, tecida por nuances de luz e sombra, tal como um viés barroco de produção discursiva. Enfim, esse processo, visto sob nossa perspectiva, aproxima a curta ficção “O ladrão”, que compõe o livro *Garranchos*, organizado por Thiago Salla, não só

da obscuridade gótica analisada aqui, mas de uma articulação paródica (mas não cômica) da imagem figurativa de um novo Cristo Crucificado.

### Referências bibliográficas

BERNARDES, Erick. Obra e manobra: estratégias discursivas no conto “O ladrão”, de Graciliano Ramos. *Anais do V Seminário de Estudos Literários*, v. único. São Gonçalo, RJ, Faculdade de Formação de Professores da UERJ, 2014.

\_\_\_\_\_. Um retrato multifacetado de Graciliano Ramos. *Ao pé da Letra: Revista dos alunos da Graduação em Letras*, v. 18, n. 1, João Pessoa, Universidade Federal de Pernambuco, 2016. Disponível em: <http://revistaaopedaleta.net/volumes-aopedaleta/Volume%2018.1/ebook-aopedaleta-18-1.pdf>.

FRANÇA, Júlio. As sombras do real: a visão de mundo gótica e as poéticas realistas. Disponível: [www.academia.edu/11773782/As\\_sombras\\_do\\_real\\_a\\_vis%C3%A3o\\_de\\_mundo\\_g%C3%B3tica\\_e\\_as\\_po%C3%A9ticas\\_realistas](http://www.academia.edu/11773782/As_sombras_do_real_a_vis%C3%A3o_de_mundo_g%C3%B3tica_e_as_po%C3%A9ticas_realistas) Acesso em: 22 de janeiro de 2017.

PEIXOTO, Andreia. “Literatura Gótica”. In; CEIA, Carlos. *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: < <http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6996/literatura-gotica/>> Acesso em: 29 jun. 2017.

RAMOS, Graciliano. O ladrão. In: *Garranchos*. Organização Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 40-52.

SILVA, Rhuan Felipe Scomçoço. O Horror na Literatura Gótica e Fantástica: uma breve excursão de sua gênese à sua contemporaneidade. In: MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo; BRANDÃO, Eli; FERRAZ, Salma; LEOPOLDO, Raphael Novaresi (Orgs.). *O demoníaco na literatura*. Campina Grande, PB, EDUEPB, 2012. pp. 239-254. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/y742k/pdf/magalhaes-9788578791889-18.pdf>> Acesso em: 19 jan 2017.

WALPOLE, Horace. *O castelo de Otranto*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.